

URBANIZAÇÃO E MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E AS REPRESENTAÇÕES DA FALA CAIPIRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

URBANIZACIÓN Y MONITOREO ESTILÍSTICO:
LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA Y REPRESENTACIÓN DEL HABLA RURAL EN LAS
HISTORIETAS

URBANIZATION AND STYLISTIC MONITORING:
LINGUISTIC VARIATION AND THE REPRESENTATIONS OF RURAL SPEECH
IN COMIC BOOKS

Pedro Daniel dos Santos Souza*

Universidade do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia

Amanda Kerolainy Braga Santos**

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: No Brasil contemporâneo, gestou-se um discurso fortemente preconceituoso em relação ao falar caipira e à cultura que representa, materializado na dicotomia “certo” e “errado”, quando comparados os usos orais dos espaços rurais e a variante culta dos contextos urbanos. No presente trabalho, objetivamos lançar um novo olhar sobre essa questão, a partir dos contínuos da urbanização e da monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011). Como *corpus* para nossa investigação, utilizamos dados extraídos de edições das revistas em quadrinhos de *Chico Bento*, de Maurício de Sousa, que supostamente “tipificam” as características do chamado falar caipira. A partir do confronto com resultados de pesquisas sobre a variação linguística do português brasileiro (PB), podemos verificar se os usos linguísticos representados na suposta fala caipira de *Chico Bento* são marcas do espaço rural ou se, na prática, refletem o modo de falar de muitos brasileiros, independentemente do espaço geográfico a que se associam.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Português brasileiro. Preconceito. Rural-urbano. Monitoração estilística.

* Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutorando em Língua e Cultura e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). E-mail: pdsouza@uneb.br.

** Graduada em Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa em Memória, Espaço e Linguagem (GpMEL). E-mail: amanda-nick@hotmail.com.

RESUMEN: En el Brasil contemporáneo, se ha gestado un discurso fuertemente prejuicioso en relación al habla rural y la cultura que representa, materializada en la dicotomía "correcto" e "incorrecto", cuando colocamos en comparación el uso oral del campo y la variante culta de los espacios urbanos. En este estudio, ponemos en marcha una nueva mirada a este tema desde los continuos de la urbanización y del monitoreo estilístico propuestos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011). Como corpus para nuestra investigación, utilizamos los datos extraídos de las ediciones de historietas de Chico Bento, de Maurício de Sousa, que supuestamente "tipifican" las características de la llamada habla rural. A partir de la comparación con los resultados de la investigación sobre la variación lingüística del portugués brasileño, podemos comprobar si los usos representados en la supuesta voz de Chico Bento son marcas del campo o en la práctica reflejan la forma de hablar de muchos brasileños, sin tener en cuenta la zona geográfica a la que se asocian.

PALABRAS CLAVE: Sociolingüística. Portugués brasileño. Prejuicio. Campo-ciudad. Monitoreo estilístico.

ABSTRACT: In contemporary Brazil, a strongly prejudiced speech around the rural speech and the culture that represents it. This is materialized in the dichotomy "right" and "wrong", when comparing the rural oral uses of the language and that of the urban contexts. In this study, we aim to launch a new look at this issue from the urbanization and continuous stylistic monitoring proposed by Bortoni-Ricardo (2004, 2011). We used data extracted from the comic book editions with the Chico Bento character, by Maurício de Sousa, who supposedly "typify" the characteristics of the so-called rural speech. Confronting with research results on language variation in Brazilian Portuguese (BP), we could check if the language uses of the so-called rural speech of the Chico Bento character are marks of rural areas or if, in practice, it reflects the way of speaking of many Brazilians, regardless of geographical space to which they are associated.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Brazilian Portuguese. Prejudice. Rural-urban. Stylistic monitoring.

1 PALAVRAS INICIAIS

O retorno ao contexto histórico e sociocultural pelo qual passou o português brasileiro (PB), desde as primeiras políticas linguísticas do português, implementadas ainda na Colônia, até o cenário atual, é, sem dúvida, uma das maneiras de se compreender a situação sociolingüística do Brasil, uma vez que a variação linguística existente por toda a extensão do país, tanto no nível morfossintático quanto nos níveis fonético-fonológico, semântico e lexical, resulta de complexos fatores da história externa e interna da nossa língua.

No âmbito da sociologia brasileira, observamos uma ênfase quanto ao papel da cultura rural na formação da sociedade brasileira. Segundo Holanda (1995, p. 73), toda "[...] a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos". No entanto não foi uma sociedade agrícola que os portugueses engendraram no Brasil, mas, sobretudo, "[...] uma civilização de raízes rurais" (HOLANDA, 1995, p. 73). Ainda de acordo com o autor, durante os séculos iniciais da ocupação europeia, toda a vida colonial se concentrava nas propriedades "rústicas", visto que "[...] as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependências delas" (HOLANDA, 1995, p. 73).

Considerando esse processo de formação da sociedade brasileira, conforme Bortoni-Ricardo (2011), na transformação do Brasil predominantemente rural para urbano, foi que desencadeou uma ruptura na relação cidade-campo, uma vez que a civilização urbana, influenciada pelos moldes de vida e costumes europeus, distancia-se da civilização rural, rústica. Nesse sentido, "[...] as cidades assumiram uma posição de clara superioridade diante das cidades menores, vilas e áreas rurais. Seus habitantes, independentemente de *status* social, consideravam-se superiores às populações do campo", como destaca Bortoni-Ricardo (2011, p. 32).

Ainda para a supracitada pesquisadora, essa noção de "superioridade", somada aos processos de industrialização e crescimento populacional de algumas cidades, agravou ainda mais essa relação com o campo. Tal situação assimétrica, estabelecida no passado, gestou no Brasil contemporâneo um discurso fortemente preconceituoso com relação ao falar caipira e sobre sua cultura, que se manifesta na dicotomia "certo" e "errado", quando são comparados a variante culta dos contextos urbanos e os usos orais dos espaços rurais.

Sob essa perspectiva, buscaremos, ao longo do presente trabalho, refletir sobre a variação linguística e alguns de seus fatores condicionantes, tais como os grupos etários, o *status* socioeconômico, o grau de escolarização/escolaridade, as redes sociais, entre outros, discutindo, principalmente, a influência dos contínuos de urbanização, letramento-oralidade e monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011), para uma compreensão da diversidade linguística brasileira e, em específico, do olhar sobre o falar caipira. Para tanto, utilizamos, como *corpus* de análise, dados retirados de histórias tradicionais de *Chico Bento*¹ menino (SOUSA, 2007), personagem criado por Maurício de Sousa, que supostamente “tipifica” os usos da fala caipira, comparando-os com os volumes um e dois da versão *Chico Bento Moço* (SOUSA, 2013a, 2013b).

O cotejamento entre os fragmentos das edições de *Chico Bento* menino e *Chico Bento Moço*² não foi escolhido aleatoriamente, visto que pretendemos identificar e refletir se “falas” do personagem Chico Bento são realmente marcas do espaço rural, ou se, na prática, refletem transcrições do modo de falar de muitos brasileiros, independente do espaço geográfico a que se associam. Sendo assim, o estudo se justifica com vistas a desmistificar e/ou desconstruir a ideia de que certos usos linguísticos presentes na fala do personagem Chico Bento são destinados exclusivamente aos representantes de comunidades rurais, os chamados “caipiras”³ – termo que, paradoxalmente, surge no Estado de São Paulo, considerado um grande centro urbano do país.

A par dessas questões, buscamos lançar um novo olhar sobre essas minorias que são constantemente estigmatizadas no contexto da sociedade letrada onde nos inserimos. Para tanto, passaremos a sistematizar as discussões de Bortoni-Ricardo (2004, 2011) sobre os contínuos da urbanização, do letramento-oralidade e da monitoração estilística, bem como, sobre a importância desse instrumento teórico-metodológico para uma melhor compreensão da realidade sociolinguística do Brasil. Em seguida, analisaremos os dados extraídos de nosso *corpus*, tomando como pressuposto os contínuos rural-urbano e a monitoração estilística.

2 PARA COMPREENDER A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Uma breve observação em gramáticas normativas, a exemplo de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2011), Bechara (2009), entre outras, permite-nos evidenciar, assim como pontua Bortoni-Ricardo (2004), que a língua portuguesa ali apresentada é “descrita” numa perspectiva da chamada norma padrão, desconsiderando as variedades não padrão da língua, entre outros conceitos que estão na base da formulação de uma noção equivocada de “erro”. No entanto, ainda como pontua a autora acima referida, para entendermos a variação linguística no Brasil, e a língua por nós falada, será necessário reconhecer três linhas, ou melhor, três contínuos “imaginários”, que se constituem em um instrumento teórico-metodológico eficaz na análise da variação, a saber: o contínuo rural-urbano (ou urbanização), o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística.

Assim, para uma melhor compreensão sobre a diversidade linguística no Brasil e, sobretudo, no que tange ao processo de formação das variedades rurais e urbanas, torna-se necessária uma reflexão acerca dos contínuos anteriormente citados, em especial o de urbanização, que Bortoni-Ricardo (2004) representa da seguinte forma:

¹ Na década de 1980, o Conselho Nacional de Cultura chegou a proibir a edição da revista em quadrinhos por considerar que o material incentivava as crianças a reproduzirem os “erros” cometidos pelo Chico Bento. Sobre essa questão, indicamos a leitura da matéria “O errado pode ser certo”, de Bianca Nascimento (2012), publicada na Revista Via Legal.

² A partir do ano de 2013, ao lado das tradicionais revistas em quadrinhos de Chico Bento, um personagem criança e ligado ao espaço rural, Maurício de Sousa passou a editar a revista *Chico Bento Moço*, estando o personagem já jovem e indo para a Universidade, o que o insere em um espaço urbano. No presente trabalho, estabelecemos a distinção entre essas duas faixas etárias do personagem Chico Bento (SOUSA, 2007, 2013a, 2013b) usando os termos “menino” e “jovem” e/ou “moço”. Assim, buscamos fazer um controle da distinção quanto à faixa etária, ao nível de escolaridade e à inserção no espaço rural/urbano do personagem, o que têm reflexos sobre as escolhas do autor quanto à suposta fala de Chico Bento.

³ Para um estudo mais aprofundado, indicamos a leitura do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1976 [1920]), cuja referência completa se encontra ao final deste trabalho.

.....
variedades rurais
isoladas

área rurbana

variedades urbanas
padronizadas

Como descrito por Bortoni-Ricardo (2004, p. 51), em uma das pontas da linha ou do contínuo estão localizados os falares rurais mais isolados, tanto por questões geográficas, como também pela falta de meios de comunicação; na ponta oposta, estão situados os falares urbanos que, “[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia”.

No espaço entre esses dois polos, localiza-se a zona denominada *rurbana*, formada pelos migrantes de origem rural que preservaram traços de seus antecedentes culturais, principalmente dos usos linguísticos, e as comunidades do interior que residem em “[...] distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Prosseguindo, a autora salienta que, com essa metodologia do contínuo de urbanização, é possível analisar e/ou situar qualquer falante do português brasileiro em um ponto específico desse contínuo, levando em consideração a região de origem ou onde vive, mas lembrando sempre que nesse contínuo não há limites ou fronteiras rígidas que demarquem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. Diante disso, torna-se viável uma análise funcional dos usos linguísticos “orais” de Chico Bento, classificando-os em traços descontínuos, caso sejam “descontinuados” nas zonas urbanas, e traços graduais, se porventura estiverem presentes na fala de todos os brasileiros, independentemente de viverem em espaços rurais e/ou urbanos.

Sobre essa questão, diz-se que os traços descontínuos materializam-se como “[...] típicos dos falares situados no pólo rural e [...] vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do pólo urbano” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53), tendo em vista que os falares rurais, quando submetidos às comunidades urbanas letradas, recebem uma avaliação negativa e desestabilizadora. Podemos dizer, a título de ilustração, que, na redução do ditongo decrescente [ey], como em *ligeiro* > “ligeiro” e *carteiro* > “cartero”, o sufixo “-eiro” quase sempre será pronunciado como “êro”, conferindo-lhe um caráter gradual, enquanto que o rotacismo, isto é, a troca do /l/ por /r/ de *completa* > “compreta”, tem uma descontinuidade, por ser uma variante estigmatizada na cultura urbana.

O contínuo de oralidade-letramento, por seu turno, também se relaciona com o da urbanização anteriormente delineado, visto ser perceptível que “[...] os domínios onde predominam as culturas de letramento estão situados na ponta da urbanização, enquanto na outra ponta só vamos encontrar domínios onde predomina a cultura de oralidade”, como pontua Bortoni-Ricardo (2004, p. 61).

No contínuo de urbanização, situamos os falantes de acordo com os seus antecedentes e atributos dentro da sua organização social e, no contínuo de oralidade-letramento, serão dispostos os eventos de comunicação. Conforme sejam mediados diretamente pela língua escrita, denominam-se *eventos de letramento*; caso não haja essa influência direta da língua escrita, serão designados como *eventos de oralidade*. Esse contínuo é ilustrado por Bortoni-Ricardo (2004) da seguinte forma:

.....
eventos de oralidade

eventos de letramento

Como no contínuo de urbanização, aqui também não há fronteiras rígidas entre os eventos de oralidade e letramento. Segundo a autora, as “[...] fronteiras são fluídas e há muitas sobreposições. Um evento de letramento, como uma aula, pode ser permeado de minieventos de oralidade” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62) e assim por diante. Embora reconheçamos a importância desse contínuo para a compreensão da realidade sociolinguística do Brasil, na análise dos dados não lançamos mão desse instrumento teórico-metodológico, haja vista a necessidade de maior refinamento da discussão a ser realizada em momento mais oportuno.

Por fim, o terceiro e último contínuo apresentado por Bortoni-Ricardo (2004) é o de monitoração estilística, no qual situamos desde as interações espontâneas do falante, realizadas com pouca preocupação quanto à forma da língua, até as que são previamente planejadas e que, portanto, exigem muita atenção e monitoramento nos usos linguísticos. Esquemáticamente temos:

.....
- monitoração **+ monitoração**

Nos contextos de mais monitoração estilística, o falante pode estar movido por três fatores específicos, quais sejam: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Para Bortoni-Ricardo (2004), um mesmo interlocutor pode optar por um estilo mais monitorado em detrimento de um menos monitorado, em função do alinhamento que assume em relação ao tópico da conversa e ao próprio interlocutor.

Entretanto, na mudança de um estilo para outro, damos pistas, ou “*metamensagens*”, nos termos de Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), sendo estas verbais ou não verbais, como alertas “[...] do tipo: ‘isso é uma brincadeira’, ‘estou falando sério’, ‘estou ralhando com você’. A variação ao longo do contínuo de monitoração estilística tem, portanto, uma função muito importante de situar a interação dentro de uma *moldura* ou *enquadre*”.

Haja vista os contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004) e, também, a distribuição dos traços descontínuos e graduais ao longo do primeiro contínuo apresentado, enquanto instrumento de análise e distinção entre as variedades do português brasileiro, sobretudo para a melhor compreensão da diversidade linguística aqui existente, passaremos a refletir acerca de alguns aspectos fonético-fonológicos presentes na suposta fala de Chico Bento. Nesse ínterim, discutiremos até que ponto as ocorrências configuram-se como legítimas representações do dialeto caipira e, equivocadamente, situadas no ponto rural do contínuo da urbanização: a redução, ou monotongação, dos ditongos decrescentes [ow] e [ei], o apagamento do /R/ em coda silábica e a ditongação. Para tanto, as análises se pautam em dados oriundos de duas faixas etárias e dois níveis de escolarização do personagem Chico Bento, a priori, um representante do espaço rural quando criança e falante, portanto, do dialeto caipira.

3 TRAÇOS CONTÍNUOS E DESCONTÍNUOS NA FALA DE CHICO BENTO

Antes de iniciarmos as classificações quanto aos usos linguísticos de Chico Bento em contínuos e descontínuos, é importante dizer que, segundo Bagno⁴ (2011, p. 210), essas histórias “[...] não são uma representação fiel de nenhuma variedade linguística”, embora revelem traços que condizem com a realidade sociolinguística do Brasil, ao longo do contínuo de urbanização, como já citamos. Para o pesquisador, tanto nas revistas do Chico Bento quanto nas músicas de Adoniram Barbosa, Luís Gonzaga, e nos poemas de Patativa do Assaré,

[...] o que existe é uma ‘representação artística’ de uma variedade linguística imaginada pelo autor. Por isso, optei pela denominação de “pseudodialecto”, porque não é um dialeto verdadeiro, é um dialeto “falso”, “fingido”, no sentido usado por Fernando Pessoa ao dizer que “o poeta é um fingidor”. É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar (BAGNO, 2011, p. 210).

Por mais que Bagno (2011, p. 212) conceba como um “falso dialeto” a variante linguística contida nas histórias de Chico Bento, e explique o porquê da nomenclatura, o autor reconhece e chega à conclusão, a partir de uma pesquisa, “[...] de que mais de 80% das falas do Chico e de sua turma não têm nada de ‘regional’, mas são simplesmente grafias não oficiais que representam, de fato, o modo de falar da grande maioria dos brasileiros”.

⁴ Entrevista publicada na *Revista In-Traduções*, realizada por Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio, cuja referência completa se encontra ao final.

Ante o exposto, surge a necessidade de se pensar sobre qual é a finalidade de representar e marcar negativamente, nos quadrinhos tradicionais de Chico Bento, expressões como: “iscola” < escola, “istante” < estante, “dimais” < demais, “carcumida” < carcomida, “ixiste” < existe, “di” < de, “qui” < que, “i” < e, “si” < se, tendo em vista que, na prática, essa variação é de caráter fonético, estando presente em muitos usos linguísticos do português brasileiro, independentemente da região em que o falante vive, ou até mesmo do *status* social, como estudos sob o escopo da sociolinguística têm apontado.

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p. 80), em “[...] quase todas as variedades do português brasileiro, as vogais /e/ e /o/, quando ocorrem em sílabas átonas, antes ou depois da sílaba tônica, são pronunciadas /i/ e /u/, respectivamente”. Certamente, os exemplos citados não passam de incoerências ortográficas da revista, pois, se Chico Bento fala “iscola” em detrimento de “escola”, e “carcumida < carcomida”, não existe irregularidade nisto. Observa-se que se trata de uma questão de pronúncia, sendo assim explicável pelos estudos fonético-fonológicos e caracterizado, ao longo do contínuo de urbanização, como um traço gradual.

Prosseguindo em nosso exercício de reflexão, elencamos, no Quadro 1, outras variantes encontradas na edição de Chico Bento, história *Privilégios da Cidade* (SOUSA, 2007, p. 57-65), que tem como tema central o contraste entre a realidade da roça – sem saneamento básico, fornecimento de água encanada, gás embutido, energia etc. – vivenciada por Chico, e a vida que seu primo leva na cidade, com tecnologias e modernidades. Segue, portanto, uma tabela de classificação em traços graduais e descontínuos no português falado por Chico Bento menino, identificados na história supracitada:

Quadro 1: Classificação dos dados em graduais e descontínuos

Grupos	Dados	Traço	
		Gradual	Descontínuo
01	ficá, tomá, pescá, brincá, isquentá, guardá, andá, tê, fazê, lê, acendê	x	
02	otras, ropa, intera, riberão, peixe, chuvero, manera (s), geladera.	x	
03	deiz, veiz, gáis, nós	x	
04	os livro, as parede, as goiaba, umas labareda		x
05	iscola, istante, dimais, carcumida, ixiste, di, qui, i, si	x	
06	vredura, drento, drumi, percisa, frevê		x
07	arresorve/arresorvê (r)		x
08	craro, farta, arcança, vorta		x
09	coiê, teiado, mior		x

Tomando os dados apresentados no Quadro 1, faremos uma sistematização e discussão, visando a ratificar nossa classificação para as ocorrências e, concomitantemente, retomaremos alguns estudos sobre esses fenômenos no português brasileiro, tendo em vista que muitos desses usos associados aos falares “caipira” refletem, na prática, a diversidade linguística encontrada em toda a extensão territorial de nosso país.

3.1 APAGAMENTO DO /R/ EM CODA SILÁBICA, EM FINAL DE PALAVRAS

Como destacam Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento do /R/ em coda silábica, em final de palavra, não é um fenômeno novo, tendo em vista que, desde o início da formação do português brasileiro, se podia encontrar nos falares incultos essa ocorrência. No século XVI, por exemplo, Gil Vicente utilizava de tal processo em suas peças, para representar o linguajar dos escravos. Ao longo dos séculos, esse fenômeno se expandiu, sendo hoje, como revelam os estudos contemporâneos sobre a diversidade linguística do Brasil, uma característica comum na fala de muitos brasileiros, dos vários estratos sociais.

Em sua pesquisa quantitativa, com informantes do banco de dados do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País (VARSUL), Monaretto (2000) chega à conclusão de que o fenômeno do apagamento do /r/ pós-vocálico na coda silábica em final de palavra, na fala do Sul do Brasil, tem maior incidência nos infinitivos verbais do que nos não-verbais. Para finalizar, a autora diz que “[...] o apagamento do /r/ pós-vocálico na fala do Sul do Brasil é um processo que atua sobretudo em final de palavra” (MONARETTO, 2000, p. 283). Essa conclusão se fundamenta em dados extraídos de 36 entrevistas distribuídas por localidade (12 informantes para cada uma das três capitais do Sul), idade (36 informantes subdivididos em três faixas etárias), sexo (18 homens e 18 mulheres) e escolaridade (1º grau e 2º grau). Segundo Monaretto (2000), com os informantes mais jovens há uma maior frequência na queda do /r/, “[...] decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso; há mais apagamento do r em Florianópolis do que nas outras cidades, evidenciando o estágio final do processo de enfraquecimento que a vibrante vem sofrendo nessa região.” (MONARETTO, 2000, p. 280).

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2011, p. 71), no dialeto “[...] caipira, o apagamento do /r/ em posição final de palavras é produtivo tanto nos infinitivos verbais, quanto em nomes, apesar de ser mais frequente na primeira classe”. Em nosso levantamento sobre os usos de Chico Bento menino, notamos que há esse apagamento do /R/ em verbos no infinitivo, como exemplificado nos dados do grupo (01): “fíca” < ficar, “tomá” < tomar, “pescá” < pescar, “brincá” < brincar, “isquentá” < esquentar, “guardá” < guardar, “andá” < andar, “tê” < ter, “fazê” < fazer, “lê” < ler, “acendê” < acender. Considerando essa descrição, classificamos esses usos linguísticos como graduais, pois trabalhos como os de Callou, Moraes e Leite (1998) revelam que, nos contextos urbanos, até mesmo as pessoas escolarizadas e de espaços urbanos tendem a suprimir o /R/ em coda silábica, em final de palavra, não justificando assim sua associação ao contexto rural.

Diante disso, vemos que essa marcação nas representações das falas de Chico Bento menino acaba reforçando o preconceito linguístico, uma vez que as pessoas comuns, isto é, as que não têm o conhecimento das novas abordagens da sociolinguística, equivocadamente conferem a perda do /R/ somente ao falar caipira, aos habitantes de zonas rurais e não escolarizados. Contudo, como nos dizem Callou, Moraes e Leite (1998, p. 8), “[...] o apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social”.

Com relação à edição *Chico Bento Moço* (SOUSA, 2013a), volume um, que apresenta o personagem após a escolarização referente à Educação Básica (Ensinos Fundamental e Médio) e a caminho da universidade, observa-se que as formas verbais no infinitivo são escritas sem a queda do /R/, como, por exemplo: “ajudar”, “dizer”, “fazer”, “olhar”, “ser”, “ver” e “estudar”. Entretanto, se tal variação não é estritamente rural e tampouco relacionada ao grau de escolarização, como constatado anteriormente, ao analisarmos o quadrinho, surge o questionamento sobre as motivações dessa variação existir apenas nas representações de fala dos falantes rurais e não ser apresentada na fala do Chico Bento jovem, escolarizado e ainda residente da zona rural, embora esteja indo para a universidade.

Acreditamos que essa associação se relaciona com a possível interferência da escola, como parece sugerir o comportamento do personagem Chico Bento, que conquista o seu sonho de ir para a cidade estudar Agronomia, após ser classificado pelo vestibular. Interessante observar que, mesmo na edição de 2013, o primo de Chico Bento, Zé Lelé, continua com os mesmos usos linguísticos de quando criança, o que acaba por reafirmar a ideia equivocada das histórias tradicionais de Chico Bento de que a queda do /R/ só ocorre no falar “caipira”, como outros fenômenos de traços graduais que veremos no decorrer do presente trabalho.

Com base no que diz a revista *Chico Bento Moço*, vemos que Zé Lelé, com a idade de 18 anos, permanece tranquilo, companheiro, sossegado, e adora a vida no campo. Caracterizando-o sociolinguisticamente, podemos dizer que ele apresenta um nível de baixa escolaridade, pois, com a mudança do primo para a cidade grande, decide morar definitivamente no sítio e trabalhar na roça para ajudar o seu pai. Assim, por estar diretamente relacionado ao espaço rural, e sem influência da cultura de letramento, nota-se que a revista enfatiza os mesmos usos graduais e descontínuos de Chico Bento menino nas estruturas orais de Zé Lelé, perpetuando em mais um ciclo o preconceito linguístico.

3.2 SOBRE OS PROCESSOS DE MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

Na estrutura silábica do português brasileiro, notamos a possibilidade de formação de sílaba com uma vogal e uma semivogal, constituindo assim o ditongo, que pode ser crescente ou decrescente. Conforme Hora (2007, p. 128), se o glide ou semivogal “[...] ocupa a posição anterior à vogal, origina o que chamamos de ditongo crescente; se ocupa a posição posterior à vogal, temos o ditongo decrescente”. Tendo em vista essa diferenciação, discutiremos na presente subseção os processos de monotongação e ditongação, a fim de correlacioná-los aos dados contidos em (02) e (03) do Quadro 1 anterior.

De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 43), monotongação “[...] é o processo pelo qual o ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Nesse caso, há um apagamento da semivogal”, formando assim um monotongo. No português brasileiro, existe uma frequência em monotongar-se os ditongos “ai”, “ei” e “ou”, os dois primeiros quando diante dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/, como em frei(r)a, quei(j)o, pei(x)e. “Já o ditongo [ow] monotonga-se em qualquer ambiente” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 43).

Em nosso *corpus*, identificamos que tal processo, de caráter gradual, é muito frequente nas falas de Chico Bento menino, como nos dados: “otras” < outras, “ropa” < roupa, “intera” < inteira, “riberão” < ribeirão, “pexe” < peixe, “chuvero” < chuveiro, “manera(s)” < maneira(s), “geladera” < geladeira. Percebemos ainda, nas ocorrências, a redução dos ditongos decrescentes [ey] e [ow], tornando-se, respectivamente, em vogais simples [e] e [o]. De acordo com Bisol (1999, p. 728), os “[...] ditongos decrescentes variáveis, amplamente analisados em dissertações e artigos, *ei* diante de /s, r/, e *ou*, sem distinção de contexto, mostram-se nos dados do NURC⁵ com o mesmo status variável”. Diante disso, podemos considerar equivocada a associação da monotongação presente na história de Chico Bento menino com o dialeto caipira. Essa associação fica evidente quando observamos que, em *Chico Bento Moço*, não identificamos esse fenômeno, como atestamos nas palavras retiradas da edição, a saber: terceiro, deixou, dinheiro, geladeira, bagunceira, goiabeira.

Sobre o processo de ditongação, Aragão (2000, p. 112) diz que tudo leva a crer que “[...] é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala”. Dessa forma, pode estar à mercê de todos os tipos de variações, sejam elas não linguísticas ou as que são “[...] ligadas ao contexto fonético imediato, anterior ou posterior, à velocidade de elocução, ou tamanho da palavra, por exemplo, às sociolingüísticas, especialmente ao nível ou registro de fala” (ARAGÃO, 2000, p. 112).

À luz dos critérios abordados por Aragão (2000) com relação à ditongação, observa-se que tais parâmetros podem ser correlacionados aos dados do grupo (03) que apresentamos no Quadro 1. Chegamos à conclusão de que as vogais orais em “dez”, “vez”, “gás” e “nós” ditongam-se na fala do Chico Bento menino: “deiz”, “veiz”, “gáis” e “nóis”. O contexto posterior que determina essa ditongação é dos fonemas /z/ e /s/; sendo palavras monossilábicas, tornam a variação ainda mais frequente, caso que também se aplica aos dissílabos.

Dessa forma, vemos que, embora o registro de fala de Chico Bento menino seja coloquial, informal, familiar, os fenômenos de monotongação e ditongação são traços graduais no português brasileiro, ocorrendo até mesmo com falantes escolarizados.

⁵ Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de uma referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa.

Contudo, tais variações não serão apresentadas nas edições de *Chico Bento Moço*, o que nos traz à tona, mais uma vez, o estigma que tentam sobrepor ao falar caipira, visto como incorreções em conformidade com o que está previsto nas gramáticas normativas, apesar de ser uma característica normal da língua e explicada pela sociolinguística.

3.3 APAGAMENTO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO, EM FINAL DE PALAVRA, E CONCORDÂNCIA DE NÚMERO

No português brasileiro, o /s/ pós-vocálico pode ter uma pronúncia variada, tanto pela região geográfica do falante quanto pelo contexto fonológico em que ocorre, ou seja, os sons que antecedem ou seguem um determinado fonema. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 87), no “[...] caso do /s/ pós-vocálico, o contexto que tem influência é o segmento seguinte. Isto é, se é vogal, consoante ou pausa e, no caso de ser consoante, se surda ou sonora”. Assim, o fonema /s/ pode ser representado graficamente de três maneiras: s, z e x – exemplificando, estrela, lápis, extra, rapaz, capaz, mês etc.

É sobre outro fenômeno relacionado ao /s/ pós-vocálico que refletiremos agora: a sua tendência à supressão. Para tratarmos deste assunto, faz-se necessário dizer, como salienta Ricardo-Bortoni (2004), que o /s/ pós-vocálico que é morfema de plural não é a mesma coisa que o /s/ presente em palavras monomorfêmicas, nas quais o /s/ não é marca plural, como: lápis, pires etc. Sobre o primeiro caso, a autora salienta que há uma forte tendência no português brasileiro em não se fazer a concordância nominal, algo que fica materializado nos dados do grupo (04): “os livro” < os livros, “as parede” < as paredes, “as goiaba” < as goiabas, “umas labareda” < umas labaredas.

Revedo esses exemplos, fica nítida a regra de concordância não redundante utilizada por Chico Bento menino, pois somente o primeiro elemento do sintagma foi flexionado. Ademais, esses usos não só acontecem no polo rural/rurbano. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 89), essa “[...] regra de concordância nominal não redundante ocorre ao longo de todo o contínuo, nos estilos não monitorados, chegando, às vezes, até mesmo aos estilos monitorados”, vistos como representações “oficiais” da língua, e, portanto, falares de prestígio.

A fim de explorar melhor a questão, faz-se necessário expor a visão de Scherre (1997) sobre a concordância nominal de número no português brasileiro. Conforme a pesquisadora, a tradição gramatical prevê que “[...] na concordância dentro do sintagma nominal, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural” (SCHERRE, 1997, p. 182). Entretanto, estudiosos têm mostrado que a concordância de número plural é de natureza variável, pois pode apresentar tanto marcas redundantes (variantes explícitas) quanto a perda das marcas redundantes (variantes zero), movidas por fatores linguísticos e não-linguísticos.

Scherre (1997) destaca que muitos dos pesquisadores que se dedicaram ao estudo da concordância nominal em português têm afirmado que há uma tendência no português falado pelos brasileiros a se utilizar a marca de plural no primeiro elemento do SN e, por uma questão de economia, tendem a suprimir nos demais elementos. Entretanto, por meio de uma análise minuciosa, a autora demonstrou que “[...] a posição linear que o elemento ocupa no SN, como uma variável isolada, não tem a força que se supunha ter. O que há é um jogo complexo de relação entre as classes gramaticais não-nucleares e as nucleares; e das classes nucleares em razão da posição no SN” (SCHERRE, 1997, p. 185).

Mediante isso, podemos dizer que a queda do /s/ pós-vocálico é um traço descontínuo, pois, apesar de ter incidências dessa redução na zona urbana, isso não pode ser generalizado, uma vez que, por se tratar de um fenômeno estigmatizado, diante de contextos formais, as pessoas escolarizadas e os falantes urbanos optam pelo monitoramento da fala. Nos dados analisados, apenas na fala de Chico Bento menino identificamos ocorrência dessa supressão.

3.4 ALGUNS ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DO DIALETO CAIPIRA

Concluímos, anteriormente, que as variantes do português brasileiro encontradas na edição de Chico Bento menino representam traços graduais, embora a forma como aparecem na revista tendem a associá-las a um falar rural, caipira. Além desses dados que representam traços graduais, há outros processos fonológicos de traços descontínuos, como apresentamos no Quadro 1, que são característicos do dialeto das comunidades rurais, tendo em vista a condição de isolamento em que se encontram. Nos usos orais de Chico Bento menino, averiguamos os seguintes casos: metátese, prótese, rotacismo /l/ > /r/ e despalatalização do /ʎ/. Na presente seção, apresentamos uma breve análise desses fenômenos linguísticos observados no *corpus*.

Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 184) destacam que o processo de metátese pode ser caracterizado como um “[...] reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra”, isto é, ocorre uma inversão dos sons no interior do vocábulo sob certas condições, a exemplo de “tauba” < tábua, “amalero” < amarelo, “preda” < pedra etc. Segundo os autores, esse fenômeno é pouco estudado e, no português brasileiro, há uma escassez ainda maior de trabalhos, uma vez que a “[...] sua aparente irregularidade e assistemática, talvez, tenham contribuído para o pouco interesse” dos estudiosos acerca dessa questão (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 179).

Ainda de acordo com Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 185), no latim falado, denominado *sermo usualis*, já se podia encontrar casos de metátese, e há registros, “[...] na passagem do latim para o português de transposição de segmentos, como as consoantes coronais /r, l, n, s/; de vogais e de glides; e de sílabas”, como nos respectivos exemplos: *semper* > sempre, *crepare* > quebrar, *sibilare* > silvar, *remussiare* > resmungar, *anhelitu* > alento; *ravia* > raiva, *primariu* > primeiro > primeiro, *geneculu* > geolho > joelho, *enojar* > enjoar; *chantar* > tanchar. No português brasileiro, “[...] parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolaridade, principalmente, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização” (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 188).

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 81), os casos de “[...] metátese do /r/ e, mais raramente, do /s/ são mais comuns no caipira”. Sobre essa questão, temos os exemplos nos dados do grupo (06): “vredura” < verdura, “drento” < dentro, “percisa” < precisa, “drumi” < dormir, “frevê” < ferver. Observa-se que o fonema /r/ alterou sua posição dentro da sílaba, e, nos dois últimos casos, houve ainda a supressão desse fonema no final do vocábulo, algo que é recorrente nas revistas tradicionais de Chico Bento menino, conforme já tratamos anteriormente. No entanto, na edição de *Chico Bento Moço*, tal fenômeno se restringirá aos usos linguísticos de Zé Lele e dos habitantes da Vila Abobrinha, pois não encontraremos mais dados de fala de Chico Bento realizando a metátese, o que sugere que a escolarização teria atuado na mudança desse comportamento linguístico do personagem.

Com relação ao processo de prótese, que é caracterizado pelo acréscimo de um segmento sonoro no início da palavra, Bortoni-Ricardo (2011) diz que, no português não padrão de Portugal e do Brasil, é muito produtiva a inserção de um /a/ em termos iniciados por consoantes. Segundo a autora, no português brasileiro muitos dos casos de prótese são característicos do dialeto caipira, algo que é ratificado no grupo (07), do Quadro 1: “arresorve/arresorvê(r)”.

Para uma melhor compreensão, seguem os respectivos trechos de onde foram retiradas as ocorrências citadas anteriormente: (a) “Aqui, a gente arresorve a situação diotrasmanera!” e (b) “[...] Mais tem um jeito di si arresorvêmior!”. Notamos que, na primeira frase, há o acréscimo do fonema /a/ ao verbo “resolve”, no presente do indicativo, e o rotacismo do /l/ > /r/, fenômeno que será detalhado mais à frente. Na segunda construção, além desses dois processos, ocorre também o apagamento do /r/ no infinitivo verbal “resolver”.

Prosseguindo, atestamos também o rotacismo /l/ > /r/. Segundo Costa (2011), na evolução do latim vulgar para as línguas românicas, já se podiam encontrar em documentos, como o *Appendix Probi*, casos de rotacismo, que consiste na troca de um som lateral por um som vibrante como em: *flagellum* > *fragellum*. A autora ainda destaca que, no “[...] português brasileiro, a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, a realização de *brusa* ou *blusa*, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de *purso* ou *pulso*” (COSTA, 2011, p. 18).

É importante ressaltar que esse fenômeno linguístico tem sido objeto de muitos estudos. Castro (2006), baseada no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas* e no *Atlas Linguístico do Paraná*, observou, nas cartas fonéticas de alguns itens lexicais dessas regiões, cinco variantes de uso acentuado do dialeto caipira – como descrito por Amaral (1976 [1920]) –, dentre estas o rotacismo. Os dados contidos nesses Atlas foram coletados na década de 1970, no caso mineiro, e na segunda metade da década de 1980, no caso paranaense, cujos informantes eram analfabetos ou com pouca escolaridade.

A partir do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas*, considerando o conjunto de itens lexicais ali contidos, como neblina, planeta, temporal e outras, a autora afirma que o rotacismo /l/ > /r/ – tepe e retroflexo –, de um modo geral, “[...] ocorrendo em maior índice no encontro consonantal que na codasilábica, foi atestado em praticamente todo o território mineiro (cf. CARTAS IV e V, 1.3.1. e 1.3.3., respectivamente)” (CASTRO, 2006, p. 150), sendo que, em grande parte das áreas onde não foram encontrados registros, a lacuna de dados não nos permite uma conclusão mais segura.

No tocante ao Atlas paranaense, Castro (2006, p. 245) aponta que “[...] o rotacismo, conforme o conjunto dos dados analisados, estende-se a todo o Paraná, com uso mais restrito a oeste, observando-se, todavia, a atuação do contexto linguístico em dois aspectos [...]”: no encontro consonantal antes da vogal da sílaba, a ocorrência do processo é reduzido, caso resulte em uma sequência de sons de mesma natureza – “fror”, “crara”; e na posição pós-vocálica, em final de sílaba, “[...] como se observa em *sol*, *girassol* e *anzol*, a troca da líquida nunca é predominante, e tem, em consequência, uma distribuição mais restrita”, quando no interior da sílaba, como em “[...] *calcanhar* e *alçapão*, o rotacismo é geral e predominante” (CASTRO, 2006, p. 22).

Nos estudos de Cox (2009, p. 79), na região cuiabana, o rotacismo se configura como um traço característico dessa localidade, por conta da intensidade. A autora revela que, em outras regiões do Brasil, tal fenômeno é associado ao contexto de ruralidade, analfabetismo e oralidade, “[...] é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador social, por assim dizer”. Todavia, “[...] na região da Baixada Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais” (COX, 2009, p. 79).

Em nosso levantamento, mais precisamente no grupo 08, encontramos a realização do rotacismo nos dois contextos silábicos: em final de sílaba, como em “farta” < falta, “arcança” < alcança e “vorta” < volta, como também no encontro consonantal, “craro” < claro. Conforme vimos, essa variação entre as líquidas é um fenômeno antigo e que ainda perdura nos falares de comunidades mais isoladas, e em situações em que os indivíduos possuem um baixo nível de escolarização, com uma ressalva ao caso estudado por Cox (2009).

Ante o exposto, vemos que a “troca” de sons realizada por Chico Bento menino corresponde à norma de uso normal, pois segue a tendência natural da língua, visto que os falantes da Vila Abobrinha, com poucas exceções, conservaram formas antigas do português, hoje encaradas como “desvios” da língua padrão, mas que, em algum momento da história, eram formas usuais, consideradas legítimas, encontradas até mesmo em textos literários e dicionários, como bem salienta Costa (2011).

Nas revistas analisadas de *Chico Bento Moço* (SOUSA, 2013a; 2013b), o rotacismo e outros fenômenos descontínuos não serão marcas características da fala do personagem, pois Chico Bento procura ao máximo optar pelo estilo monitorado, mais planejado, mesmo em ambientes em que os interlocutores e o tópico da conversa sejam informais. Diante disso, surge a seguinte questão: como Chico Bento consegue, de forma tão rápida, fazer o uso da norma culta, uma vez que, ao longo de toda a sua trajetória, recebeu uma forte influência da cultura de oralidade, ainda que, na escola, fosse exposto à norma padrão?

Certamente, a sua inserção na universidade não lhe garante este domínio imediato da norma culta. Seria mais aceitável e coerente situar o personagem na área intermediária do contínuo de urbanização, isto é, no contexto *rurbano*, tendo em vista que carrega marcas da cultura caipira, mas que, paulatinamente, assimilaria a cultura de letramento. Portanto, trata-se de uma visão simplista, por parte da revista, com relação aos fenômenos da língua e sobre sua manifestação nos usos orais. Por fim, deteremos nossa atenção à vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/ ou despalatalização.

Conforme Aragão (2009, p. 168), o “[...] fonema /ʎ/ é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorso-palatal e o fonema /ɲ/ como consoante vibrante, sonora, nasal, dorso-velar”. Ainda segunda a autora, esses fonemas “[...] ocorrem sempre em posição medial de sílaba medial ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa ‘lhe’” (ARAGÃO, 2009, p. 168).

Dando continuidade a essa questão, Aragão (2009, p. 168) diz que, em alguns contextos, seja por facilidade ou relaxamento de articulação, “[...] o /ʎ/ e o /ɲ/ podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares /l/ e /n/, como iode /y/ ou sofrer apagamento, desaparecendo”. Chaves e Melo (2009, p. 85) afirmam que, na iotização, “[...] tem-se a produção [y] em palavras como pilha [piya] e trabalho [trabayu]. No segundo caso, o do zero fonético, há realizações como a verificada para a palavra milho [mio], muito comuns nas populações não escolarizadas e, com mais frequência, não urbanas”.

Aragão (2009) ainda evidencia que há estudiosos que consideram a despalatalização como um fenômeno fonético, contudo, outros autores caracterizam como sendo um problema de influência africana, uma mudança ocorrida do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser caracterizado como fonológico, gerando, por sua vez, outro fonema e não apenas essa articulação diferente entre os fonemas /ʎ/ e /ɲ/. Os estudos da autora revelam que, no falar de Fortaleza e João Pessoa, há uma predominância quase que absoluta nos *corpora* estudados, de apagamento do “nh” quando antecedido da vogal “i” em sílaba nasal, como em “minha > mia” e tantos outros. Outro fator relevante é a permanência do /ʎ/ e /ɲ/ nas sílabas mediais e finais, como nos respectivos exemplos, “milho”, “melhora”, “escolinha”, “conheço”; iotização desses dois fonemas também em sílaba medial e final. Quando há o zero fonético do “nh”, esse também sofre iotização.

Revisitando o grupo 09 (Quadro 1) de nossa pesquisa, veremos a ocorrência da despalatalização e a consequente iotização em todos os casos, a saber: “teiado” < telhado, “coiê” < colher, e “mior” < melhor. Considerando os dados, observamos que, na fala de Chico Bento menino, temos a despalatalização do /ʎ/ e também a produção do iode [y] na sílaba medial e final dos termos. Como exposto por Aragão (2009), fenômenos como esses podem ser encontrados em falares de muitos estados do Brasil, apesar disso não se trata apenas de uma variação diatópica, mas, sobretudo, de uma variação de caráter social.

Aguilera (1989, p. 177) verifica, a partir de alguns pressupostos teóricos, que a iotização no Brasil segue um caminho inverso do que ocorreu na Espanha e França, pois, diferentemente dos dois últimos, aqui o processo se consolidou como uma “[...] forma estigmatizada, sem prestígio social, própria de comunidades incultas, e afastadas dos centros urbanos”. Segundo a autora, na França, “[...] o ieísmo aparece, no século XVII, entre a pequena burguesia e se estende mais tarde para as províncias” e nas cidades da Espanha e, principalmente, suas “[...] capitais foram e são os focos de ieísmo, o mesmo ocorrendo nos países hispano-americanos, constituindo-se a iotização em modalidade cortesã e urbana, enquanto o /ll/ é sentido como tradicional, mas regional” (AGUILERA, 1989, p. 176-177).

Por ocasião da pesquisa de campo para a construção do *Atlas Linguístico do Paraná* e para o Esboço de um *Atlas Linguístico de Londrina*, Aguilera (1989) fez o levantamento de 18 itens lexicais com a presença gráfica do “lh”, em diferentes localidades do Paraná. Dentre os vocábulos estudados, a partir de 56 informantes da zona rural, ou seja, com baixo grau de escolaridade, a autora observou que, quando o /ʎ/ precedia a vogal “e”, como nos casos do grupo 09, ocorreu um

[...] alto índice de iotização para orelha-de-pau (52%) e arco-da-velha (68%), provavelmente por serem lexias compostas e por se tratar de vocábulos de uso mais restrito ao campo. No caso de lexia simples e de vocábulo comum a qualquer contexto sócio-cultural, como orelha, o índice de iotização ficou em torno de 25%. O índice de síncope da consoante palatal, para as lexias compostas, ficou em torno de 7% (AGUILERA, 1989, p. 177).

A partir dos dados dispostos e dos estudos sobre a despalatalização e consequente iotização, notamos que estamos diante de fenômenos complexos, e, por isso, não se tem uma explicação única para essas ocorrências. Entretanto, as incidências estão, quase sempre, relacionadas ao contexto rural, cujos falantes vivem longe dos polos urbanos, como Chico Bento menino, e com pouca ou quase nenhuma influência da escola. Nessas condições de vulnerabilidade social, há certa tendência natural do falante, como bem

salienta Aguilera (1989), em optar pelas emissões que conferem um menor trabalho dos órgãos fonadores, isto é, uma economia fisiológica, tendo em vista que a sua mensagem chega ao ouvinte de forma satisfatória, sem prejuízos no processo de comunicação.

4 MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA

Retomando o que diz Bortoni-Ricardo (2004), no contínuo de monitoramento estilístico, teremos dois polos que representam ambientes de maior ou menor monitoração, isto é: na interação do falante, cujo ambiente é informal, o seu diálogo será mais espontâneo, privilegiando um estilo menos monitorado; já em contextos formais, que exigem do falante uma maior atenção e planejamento, seu estilo será mais monitorado.

Relembrando a discussão proposta por Bortoni-Ricardo (2004) sobre o contínuo da monitoração estilística, precisamos considerar que o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa podem mover as atitudes linguísticas dos falantes, manifestadas em suas escolhas e atos de fala. Sendo assim, um mesmo interlocutor pode optar por um estilo mais ou menos monitorado a depender dos três fatores anteriormente mencionados.

Nesse sentido, podemos considerar que a monitoração estilística permite-nos observar a avaliação que os falantes fazem das estruturas da língua, na medida em que a opção por uma determinada forma em detrimento de outra está condicionada aos “modos de ver” a língua pelo falante. A monitoração estilística, nesse caso, está relacionada ao problema da avaliação linguística, como proposto pela teoria da variação e mudança linguística.

Com essas questões em mente, buscamos verificar a possibilidade de analisar o comportamento de Chico Bento quanto ao monitoramento estilístico. Para nossa surpresa, deparamo-nos com uma situação que nos permite observar as atitudes sociolinguísticas do personagem principal e, por consequência, a avaliação que faz em relação a determinados usos linguísticos. A seguir, reproduzimos, então, a situação extraída da revista *Chico Bento Moço*, volume 1, que tem por título *Um novo recomeço*:



Imagem 1: Monitoramento estilístico em *Chico Bento Moço*

Fonte: Sousa (2013a, p. 15)

Observamos, nesse trecho, que, ao estar em um contexto que exige uma menor monitoração (conversa informal com seu pai), Chico Bento, inicialmente, abre uma exceção e “escorrega” em sua fala, permitindo a utilização das expressões “Ô coisa boa, só!” e “Num tem coisa mior [...]”, assim como qualquer falante, pois o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa lhe permitem optar por um vocabulário mais informal e mais espontâneo. Entretanto, ao perceber seu uso menos monitorado e, conseqüentemente, compreendido como uma “incorrecção” ao que prescreve a gramática normativa, Chico Bento prontamente se corrige, deixando transparecer o preconceito linguístico que o personagem carrega sobre a sua própria fala e, conseqüentemente, sua cultura marcadamente rural, caipira.

Diante disso, vemos que, mesmo num ambiente com menor monitoração, Chico Bento ainda se encontra num estado altamente monitorado, levando a crer que tais variantes são “erradas”. Sobre essa questão, vale ainda destacar que, no contínuo de monitoração, os falares não se dividem nessa dicotomia de “certo” e “errado”, mas sim em congruentes ou não ao ambiente no qual a conversa é estabelecida. No trecho aludido, essa questão é reforçada na fala do pai de Chico Bento: “Aqui, o caipirés é permitido!”.

Se analisarmos esse discurso final do pai de Chico, vemos que a frase resume, de forma clara, a visão categórica da revista acerca das populações de oralidade, ou seja, o falar rural só é permitido na roça, quando estiver em família, isto é, com seus iguais. Na cidade, o

“caipirês” será condenado, tanto que, Marcelo Cassaro, um dos roteiristas da revista do *Chico Bento Moço*, em entrevista ao Jornal de Piracicaba⁶, no ano de 2013, chega à seguinte conclusão sobre o Chico Bento Moço: “Ele estudou e hoje fala português correto, mas ainda recorre a expressões caipiras em momentos de espanto ou indignação”. A noção de “certo” e “errado” mais uma vez vem à tona e os desvios só são “aceitos” em situações de tensão e conflito na história.

Nessa direção, podemos dizer que em *Chico Bento Moço* há, sem dúvidas, uma preocupação por parte da revista em caracterizar os usos do personagem Chico em um nível mais monitorado, optando quase sempre pela norma culta. Contudo, quando o seu interlocutor é alguém próximo, ou seja, em uma relação mais afetiva como a que mantém com os seus pais, vemos um “relaxamento” de Chico Bento com relação à norma prevista pela gramática normativa, atrelado a um constrangimento, justamente, pela ideia cristalizada de que a única língua legítima é a da cultura letrada e, então, qualquer outra forma, não oficial, será estigmatizada.

5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Considerando nossa análise, verificamos que muitos dos usos linguísticos apresentados nas revistas de *Chico Bento*, por seus respectivos personagens em conformidade com os respectivos perfis sociolinguísticos, não correspondem aos resultados sistematizados pelos diversos trabalhos contemporâneos sobre a variação dialetal no Brasil. É interessante dizer que, dos nove grupos analisados, quatro se caracterizam como traços graduais e podem ser considerados como usos urbanos, embora sejam apresentados como marcas de variedades linguísticas rurais. Quanto aos outros, apesar de serem considerados como traços descontínuos, discutimos, a partir de investigações de tempos e espaços diversos, sob uma ótica sociolinguística, porque variam e como isso vem ocorrendo no português brasileiro.

Certamente, os dados que foram apresentados, e suas respectivas análises, demonstram que há uma incoerência por parte da revista no tratamento da variação linguística quando associa traços graduais apenas ao contexto urbano e os traços descontínuos, marginalizados, não escolarizados, aos usos de falantes do contexto rural. Evidenciamos que muitos traços, como a monotongação, a ditongação e a queda do /R/ na posição de coda silábica, em final de palavras, são graduais no contínuo rural-urbano, não sendo marcas exclusivas do dialeto caipira.

Por fim, situar o personagem Chico Bento no contínuo de urbanização fez-nos refletir sobre o discurso que a gramática normativa sustenta sobre a língua ideal, legítima, ou seja, aquela que prioriza o linguajar “correto”. Nessa perspectiva, as estruturas que não seguem esse padrão carregam o estigma de língua desprestigiada e “estropiada”, sobretudo, materializada nas culturas de oralidade das comunidades rurais.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. O fonema /ʌ/: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense. *Revista Semina*, Revista Cultural e Científica da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, v. 10, n. 3, p. 173-178, 1989.

AMARAL, A. *O dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUMITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. [1920].

ARAGÃO, M. do S. S. de. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. *Revista Graphos*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2000.

⁶ Matéria escrita por Naiara Lima (2013).

- ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos fonético-fonológicos nos Estados da Paraíba e do Ceará. *Revista da Abralín*, Revista da Associação Brasileira de Linguística, Pará, v. 8, n. 1, p. 163-184, 2009.
- BAGNO, M. Entrevista. In: LIBERATTI, E.; AIO, M. de A. Entrevista com o professor Marcos Bagno. *Revista In-Traduções*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 209-212, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VII. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 701-728.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. O apagamento R final no dialeto caipira: um estudo aparente em aparente e em tempo real. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, p. 1-9, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501998000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- CHAVES, L. M. do N.; MELO, F. E. S. de. A despalatalização de /N/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 13., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 84-98.
- COSTA, L. T. da. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2011. 173f. Tese (Doutorado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- COX, M. I.P. Estudos linguísticos no/do mato Grosso: o falar cuiabano em evidência. *Periódico Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem*, Cuiabá, v. 15, n. 17, p. 75-90, 2009.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORA, D. da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL EM COMUNICACIÓN SOCIAL, 10., 2007, Santiago de Cuba. *Actas I*. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2007. p. 127-131.
- HORA, D.da; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese(?). *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, 2007.
- LIMA, N. Chico Bento Moço com “sotaque” piracicabano. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba-SP, 21 ago. 2013. Cultural, p. C1. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/acom//clipping_semanal/2013/8agosto/17_a_23/files/assets/downloads/page0050.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

NASCIMENTO, B. O “errado” pode ser o certo. *Revista Via Legal*, Brasília, ano 5, n.13, p. 10-11, 2012. Disponível em: <http://www.cjf.jus.br/cjf/comunicacao-social/informativos/revista-via-legal/ViaLegal_Ed13_web.pdf/view>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e fonologia do português brasileiro*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SOUSA, M. de. Chico Bento em privilégios da cidade. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, n.1, p. 57-65, 2007.

SOUSA, M. de. *Chico Bento Moço: um novo começo*. São Paulo: Panini Comics, n. 1, 2013a.

SOUSA, M. de. *Chico Bento Moço: vida na república*. São Paulo: Panini Comics, n. 2, 2013b.

SCHERRE, M. M. P. Concordância nominal e funcionalismo. *Alfa*, Araraquara, n. 41 (esp.), p. 181-206, 1997.

Recebido em 06/04/2017. Aceito em 20/06/2017.